



# MARIA

HENRIQUE MAGALHÃES



Henrique Magalhães

# MARIA



Marca de Fantasia

Parahyba, 2022. 2a edição

# Maria: espirituosa... há 30 anos!

Henrique Magalhães

Série Repertório, 39. 2022. 2a edição. 68p.



## MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A  
João Pessoa (Parahyba), PB. Brasil. 58046-033  
marcadefantasia@gmail.com  
<https://www.marcadefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, projeto de extensão do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

### Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS	Marcelo Bolshaw - UFRN
Adriano de León - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB	Marina Magalhães - UFAM
Edgar Franco - UFG	Nílton Milanez - UESB
Edgard Guimarães - ITA/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Gazy Andraus - FAV-UFG	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Waldomiro Vergueiro - USP
José Domingos - UEPB	

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

---

ISBN 978-65-86031-57-7

## Sumário

- 5 Nota à segunda edição
- 6 A irresistível força do humor  
H. Magalhães
- 13 Primeiros passos
- 19 Conjuntura
- 34 Diretas já!
- 38 Madame Co.
- 42 Novos tempos, velhas crises
- 59 O rebolado de Maria  
Gonçalo Junior







## Nota à segunda edição

**E**m 2005 Maria completava 30 anos de existência e produção quase contínua. Isso rendeu a edição comemorativa que temos aqui. Quase 20 anos após essa data, retomamos a edição em formato digital para mais ampla difusão da obra. Mantemos os textos como na edição comemorativa original, bem como o conteúdo gráfico, com as devidas adaptações. Esperamos manter viva e pulsante a trajetória dessa personagem, que se mantém como um dos símbolos de resistência dos quadrinhos nacionais. HM, 2022

## A irresistível força do humor

Há três décadas a personagem *Maria* fazia sua primeira aparição na imprensa paraibana, para em seguida invadir os jornais diários, suplementos, revistas independentes, fanzines, livros e álbuns. Tanta longevidade não é comum às personagens de quadinhos no Brasil, que sofrem pelo ostracismo do mercado editorial.

O percurso de criação de *Maria* não foi, de todo modo, “um longo rio tranqüilo”. Sua produção foi permeada por sobressaltos, por períodos de inércia forçada, de quase esquecimento provocado pelo desinteresse e falta de sensibilidade dos editores dos jornais e pela extrema limitação do meio independente.

O campo de atuação privilegiado das tiras é mesmo o jornal diário,

onde a personagem pode ser produzida com regularidade e abordar os assuntos e acontecimentos do momento. O meio independente viria a ser não uma saída para a falta de espaço nos jornais diários, mas um complemento, registrando em livros as antologias e compilações de alguns períodos de produção. Se por um lado o jornalismo diário tem restringido significativamente – quando não extinguido – os espaços para as tiras, o meio independente tem se configurado como um pequeno círculo de aficionados que, ainda que fiel e apaixonado, não proporciona a visibilidade que projete o autor e a personagem no campo profissional.

Os 30 anos da personagem não poderiam transcórreer num mo-





Henrique Magalhães,  
no traço de Jô Oliveira

mento menos crítico, pelo total descaso dos veículos comerciais a sua criação. Há quase uma década nenhuma tira de *Maria* é publicada nos jornais diários paraibanos, onde por muitos anos teve presença garantida, conquistando uma legião de leitores e admiradores de sua história de luta e crítica bem humorada.

Nesse período de oclusão, para manter viva sua memória e estabelecer o contato com o público paraibano e os leitores do circuito independente espalhado por todo o país, foi editado em 1998,

pela Marca de Fantasia, o álbum *Maria: olhai os lírios do campo*, reunindo as tiras da mais recente fase de produção. Lançou-se também duas edições da revista *Maria Magazine*, em 2001 e 2003, reunindo não só as tiras da personagem, mas também o trabalho de vários autores que circulam nos fanzines.

Se o momento não é tão favorável a comemorações, no entanto devemos nos render a um fator que não pode ser menosprezado. Num país tão renitente em esquecer suas crias, em apagar suas memórias, ter-se uma personagem de quadrinhos com tanta resistência e permanência na memória afetiva dos leitores é algo surpreendente e merecedor de homenagens.

## A origem

*Maria* surgiu no bojo da cultura alternativa, cultura de resistência a um contexto político de exceção. Sua fonte de inspiração não poderia ser outra que a efervescência política e social do país, daí o caráter político, semelhante à charge, no

início de sua criação. As primeiras tiras da personagem foram desenhadas em 1975, num dos períodos mais obscuros da ditadura militar, e traziam não só o grito contra o cerceamento político e intelectual, mas também a crítica às desigualdades sociais e aos costumes conservadores arraigados.

De uma solteirona contumaz, *Maria* passou logo à contestação, inspirada pelo clima satírico do jornal *O Pasquim* e dos quadrinhos de Henfil. Foi a fase explosiva da personagem, com centenas de tiras publicadas nos jornais paraibanos, o momento de sua afirmação contra uma situação política intolerável.

Nesse período, que vai de meados da década de 1970 até 1983, *Maria* inseriu-se no meio comercial, sendo publicada, de forma

paradoxal, pelo jornal estatal *A União*. Esta relação profissional pode ser considerada um avanço para a época, por reconhecer e valorizar os quadrinhos como uma expressão artística, ao lado da charge.

Os quadrinhos na Paraíba até então eram considerados apenas como um objeto de consumo, uma cultura de massa determinada pelos grandes editores do Sudeste do país. Para os autores da terra, a produção de quadrinhos não era mais que um passatempo, um capricho de jovens que surpreendiam os amigos com essa curiosa forma de expressão.

A abertura da imprensa paraibana aos quadrinhistas, sobretudo com a criação dos suplementos semanais *O Norte em Quadrinhos* (jornal *O Norte*) e *O*



A primeira tira de Maria, em 9 de julho de 1975, já demonstrava seu senso crítico, numa visão enviesada do feminismo

*Pirralho (A União)*, possibilitou o surgimento de vários autores e o desenvolvimento de algumas dezenas de personagens. Nesse contexto, *Maria* pôde ser aprimorada no aspecto gráfico e na concepção do humor, passando dos fatos políticos imediatos ao humor intemporal, da contestação política explícita às contradições da política do cotidiano.

Essa transformação no perfil da personagem foi também um reflexo das mudanças no país, com a Abertura política e a redemocratização. Nesse novo ambiente, que teve seu ápice no início da década de 1980, novas

questões políticas e sociais viriam à tona. Outras políticas se tornariam o enfoque favorito de *Maria*, como a luta das minorias por afirmação, a solidão nos centros urbanos, os preconceitos diversos. *Maria* tornou-se uma personagem em mutação, tendo como fio condutor a inquietação frente aos valores estabelecidos.

## Jornais e revistas

Entre julho de 1975 e meados de 1976 foram produzidas 85 tiras de *Maria*. São as primeiras, e mais toscas enquanto idéia e grafismo. *Maria* era uma solteirona



Maria teve uma série de 10 revistas lançada nas bancas paraibanas e em Recife. Em 1983 saiu o primeiro livro de tiras, *A maior das subversões*



em busca de um futuro parceiro, mas já trazia algumas pitadas de crítica social. Ainda em 1976 começa uma nova série, com tiras duplas. *Maria* passa a ser publicada diariamente no jornal *O Norte*, entre março e novembro de 1977 e no jornal *A União*, entre abril de 1979 e janeiro de 1980. Em junho de 1980 circula no *Correio de Pernambuco*.

A publicação em tiras diárias provocou uma mudança radical na personagem: as tiras passa-

ram a ter um teor mais crítico, centrando-se no enfoque político e social. Essa fase chegou a ter 381 tiras. Em paralelo à publicação nos jornais, saíram até 1983 dez edições da revista *Maria*, com produção independente e circulação nas bancas na Paraíba e em Pernambuco e um livro de tiras onde ela advoga que é o “amor, a maior das subversões”.

A partir de 1983 *Maria* volta às tiras diárias no jornal *A União*. O desenho apresenta-se bem mais



Um dos temas de *Maria* era a luta em defesa das minorias, que ganhou força com a Abertura política. Este cartão postal foi produzido em 1982 para o grupo gay paraibano *Nós Também*



Nos cartões postais desta página o engajamento político de Maria na campanha pelas eleições *Diretas já*



elaborado e o perfil da personalidade passa a abordar novos temas, mais intimistas e culturais. A luta em favor das minorias discriminadas passa a ser o discurso político de *Maria* e questões existencialistas ocupam boa parte das tiras. Nessa fase, que durou até dezembro de 1984, foram produzidas 338 tiras.

Em agosto de 1988, com o título *Rendez-vous*, *Maria* é publicada novamente no jornal *O Norte*. Mas dessa vez ela não vem acompanhada apenas por *Pombinha* e *Zefinha*, suas companheiras inseparáveis. O universo dos quadrinhos do autor ampliou-se, abrindo espaço para a criação de muitos outros tipos, como *Mãe Dinga*, *Kalula*, *Bicho Grilo*, *Magal*, *Virgens de Tambaú*, *Malva* etc. *Maria* continuou tra-

tando das questões existencialistas, com toques sobre a política do cotidiano. As outras personagens assumiriam, cada uma a seu modo, as questões das minorias, como a negritude, o machismo, o misticismo charlatão etc. A série *Rendez-vous* saiu até março de 1989, com 153 tiras. A série retor-





naria ao jornal *O Norte* em julho de 1995, com *Maria* e mais alguns novos personagens. A partir de maio de 1995, *Maria* é também publicada no semanário português *AlgarveRegião*.

Reunindo boa parte das tiras da última fase de produção, foi lançado pela editora Marca de Fantasia o álbum *Maria: olhai os lírios no campo*, em 1998 e duas edições da revista *Maria Magazine*, em 2000 e 2002, compilando as tiras da personagem além de outras de vários autores do meio independente nacional.

Intercaladas a esses períodos na imprensa diária, foram criadas algumas tiras avulsas que são difíceis de contabilizar. Da mesma forma, a personagem circulou em

inúmeros fanzines brasileiros e portugueses, em jornais feministas e na imprensa dos grupos gays organizados.

Afora as tiras de quadrinhos, *Maria* apareceu num curto desenho animado realizado pelo autor, em produções artesanais de camisetas, cartões postais, broches, chaveiro, adesivo, calendário, outdoor, boneco de gesso, e ainda engajou-se na campanha política do PT local.

Este livro de *Maria*, mais que uma homenagem e retrospectiva emotiva, aponta para a retomada da criação da personagem em livros e revistas próprios. As tiras diárias, contudo, esperam ainda pelo bom senso dos editores de nossa imprensa.

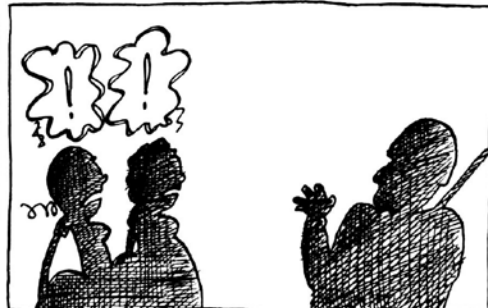
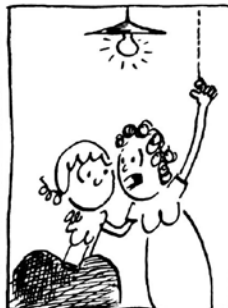
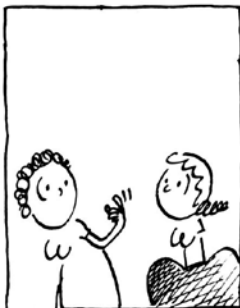
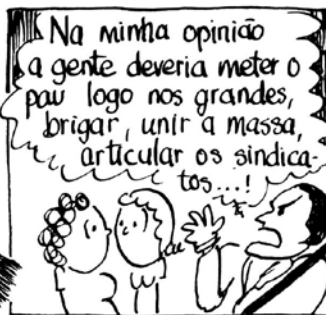


Revista *Maria Magazine* e edição em álbum



## Primeiros passos

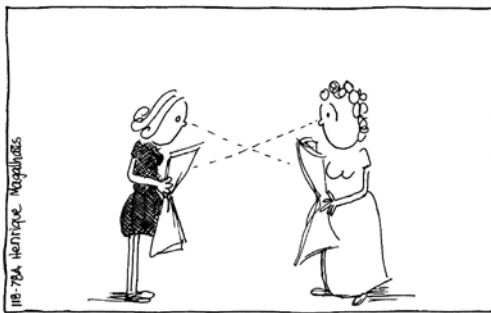
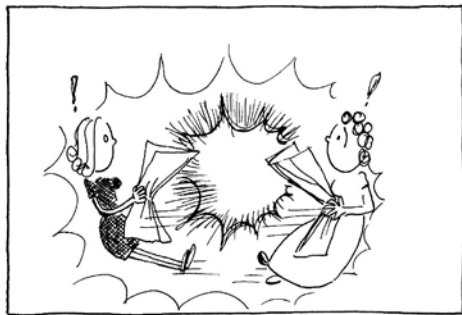
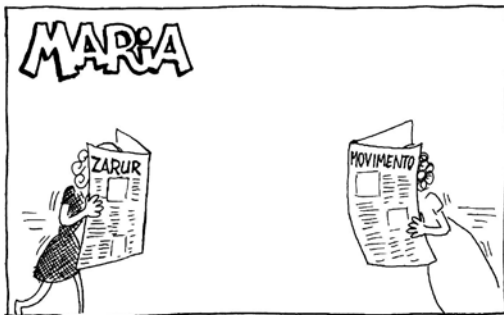
**M**aria logo deixaria de encarnar a solteirona em busca de marido, que a caracterizou nas primeiras tiras, para expressar um lado contestador e crítico do contexto político e social. A repressão do regime militar fazia sua devassa entre os intelectuais e nos movimentos populares, por meio de ações policiais, pela censura e cerceamento à liberdade de expressão. A personagem se mostrava ainda em desenhos toscos, mas dava passos largos para a construção de uma personalidade marcante.

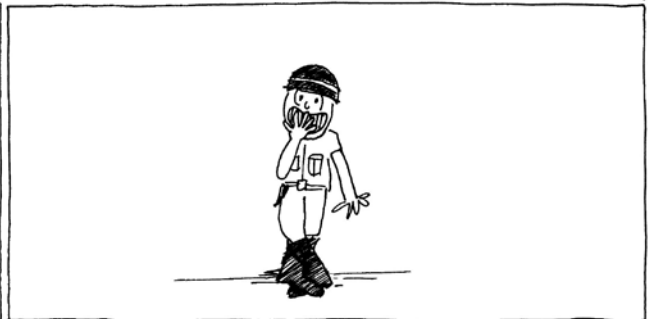
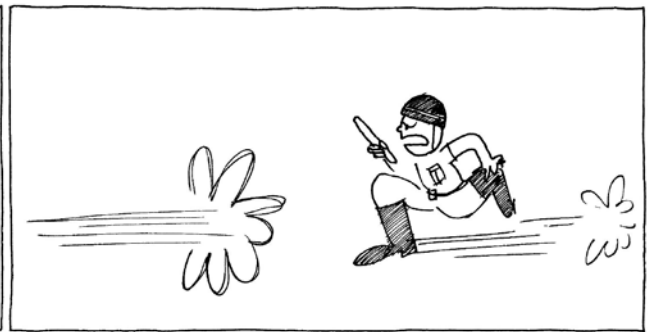
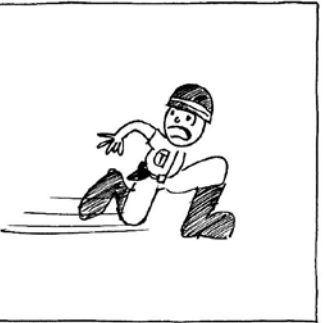
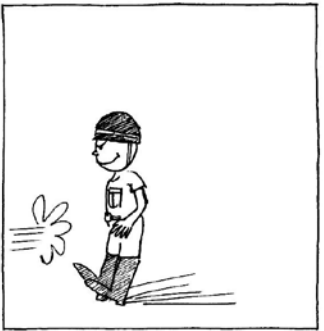










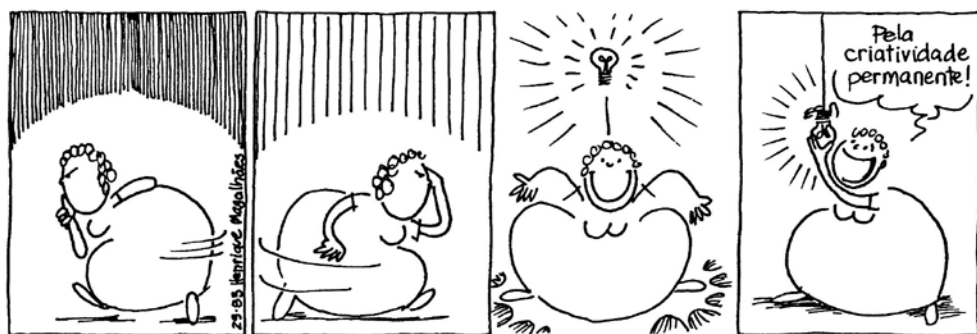
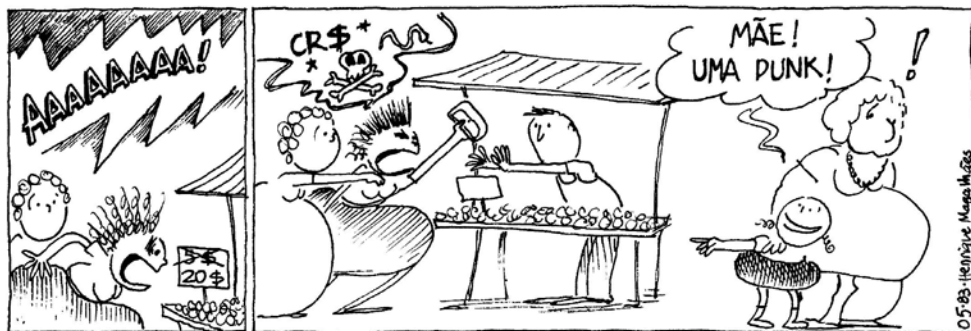






## Conjuntura

**A**nistia política exigida pela sociedade organizada fechava a década de 1970, intensificando o processo de abertura “lenta e gradual” do governo militar. Mas era sempre bom lembrar que vivíamos ainda sob uma ditadura, que vigorou de 1964 a 1985. O “estado de emergência” decretado pelo governo era um exemplo de arbitrariedade que se cometia contra os movimentos sociais. *Maria* vivia esse momento de forma atuante, provocativa, questionadora e refletia o clima de uma certa desesperança no amanhã.





















190-84 Henrique Magalhães



191-84 Henrique Magalhães

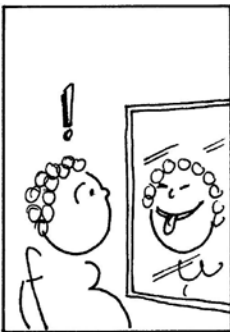


192-84 Henrique Magalhães



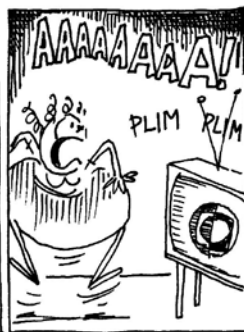


















## Diretas já!

A campanha “Diretas já”, pelo restabelecimento das eleições diretas, incendiou o país no início de 1984. A emenda constitucional proposta por Dante de Oliveira conseguiu mobilizar o povo provocando o colapso do regime militar. Mas o governo ainda tinha fôlego para se opor às gigantescas manifestações de rua, conduzindo o Congresso a rejeitar a emenda. As “Diretas já” não passaram, mas o governo militar também passou.











## Madame Co.

Uma personagem que marcou uma fase de produção de *Maria* foi *Madame Corporeichon*. Retrato de uma época, *Madame Co.* representava o poder estabelecido, com todo seu viés de autoritarismo e intolerância. Numa época de ditadura, a linguagem cifrada, metafórica, simbólica era o permitido para se gritar contra todo tipo de opressão. A institucionalização do poder em *Madame Corporeichon* permitiu a *Maria* um objeto concreto para contestação.





Associação Paraibana e Paulista... Se essa onda de quadrinista pega, a Madame Corporeichon aqui tá frita!



Vou invocar a super força, a super velocidade, os super sentidos do Super Homem!



GOLPE BAIXO!  
Me derrubar com uma simples rasteira!



177-84 Henrique Magalhães

Corrupção?  
Que corrupção?



Vocês só sabem mesmo criticar!



A Madame Corporeichon é intocável, justa, honesta, honrada!



Quanto você quer pra engolir esta?



180-84 Henrique Magalhães

Notícias quentinhas! Milhões de trabalhadores amanheceram parados em todo o país!



O QUE? SUBVERSÃO!  
Chame a polícia!



Prenda! Arrebente! Feche os sindicatos!



Mas hoje é 1º de maio!



188-84 Henrique Magalhães

Mas Madame, a inflação a mais de 200% e o salário não sobe nem 70%!



Como darei a notícia de que o salário foi usurpado, diminuído, rebaixado...!



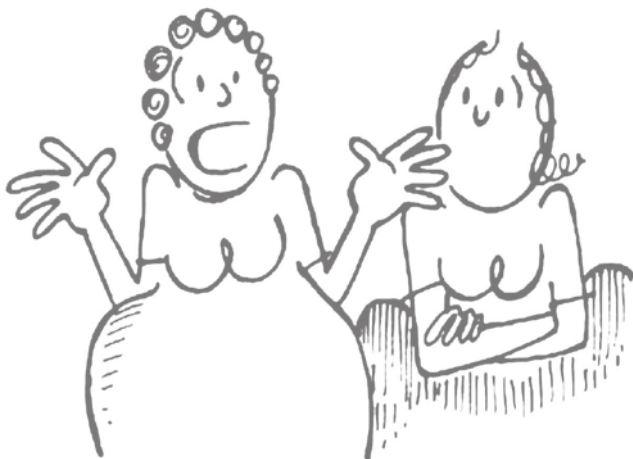
Ora!  
Não diga nada disso, diga...



Diga que foi DESINDEXADO!



189-84 Henrique Magalhães



## Novos tempos, velhas crises

O que impressiona em *Maria* é a atualidade de suas histórias. Parece que as tiras mais antigas poderiam ser contemporâneas às mais recentes. Ela continua falando de desmandos políticos, crises econômicas, mercantilismo, só que agora com uma referência menos calcada nos fatos políticos e mais na política do cotidiano. *Maria* se torna mais intimista, cuidando também de problemas pessoais, humanistas e interpessoais. Isto lhe dá uma transcendência que a desloca do caráter humorístico da charge para o humor intemporal.

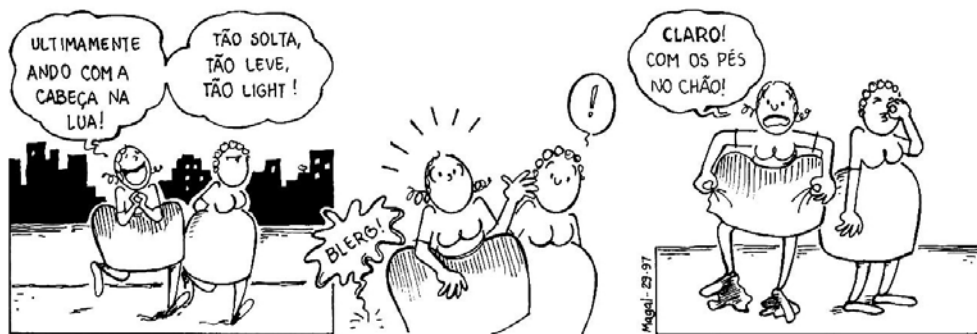








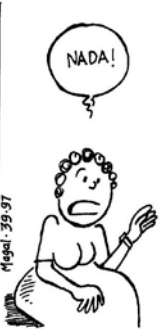














Maggi - 41:97



Maggi - 42:97



Maggi - 43:97



Maggi - 44:97



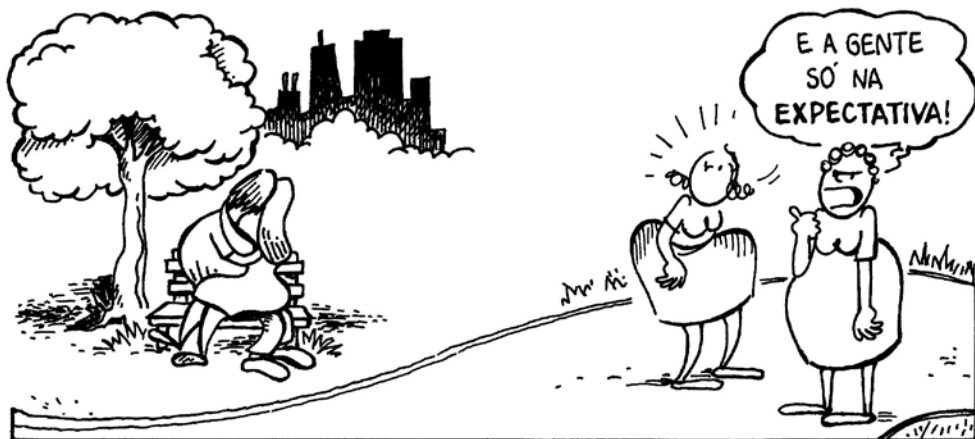












# O CAMINHO DAS PEDRAS

Magal

QUE É ISSO, MARIA!  
VOCÊ VIVE DISTANTE,  
CABISBAIXA,  
DEPRIMIDA!

POIS SABE  
O QUE LI  
OUTRO DIA?

QUE O CAMINHO  
DA FELICIDADE  
É NÃO TER  
AMBIÇÕES...

EXPECTATIVAS,  
DESEJOS!

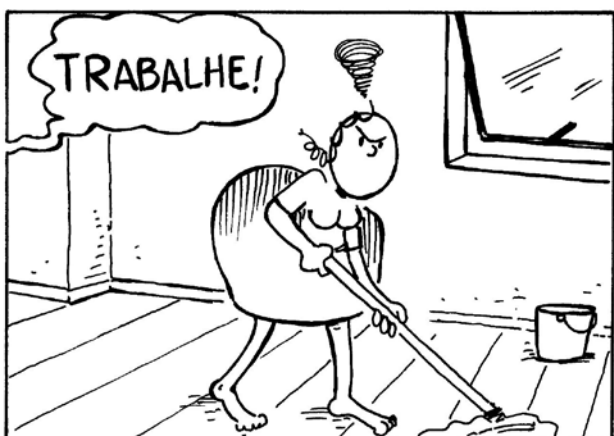
SEI! E COMO  
SE FAZ PRA  
CONSEGUIR  
TUDO ISSO?

ORA,  
SUA BOBA!

É SÓ  
DESEJAR!



# OLHO GRANDE









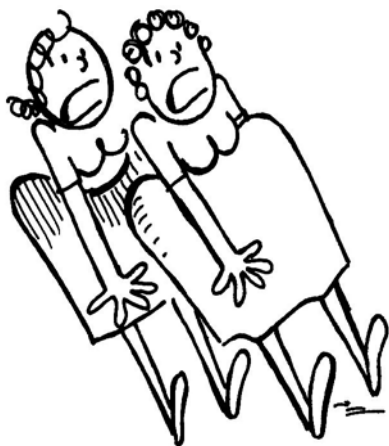
## O Rebolado de Maria

Gonçalo Junior

Quando li uma tira de *Maria* pela primeira vez, em 1983, a personagem tinha apenas oito anos de vida. Eu, dos 15 para os 16 anos. Foi paixão à primeira vista, embora logo soubesse que não havia a menor chance, pois o “lance” dela era outro. Explico: apesar de *Maria* ter já uma tradição de luta pelas causas sociais e políticas, além de ser militante feminista convicta, seu primeiro álbum que tive em mãos foi *A maior das subversões* – no caso, o amor. Na capa, um escândalo para uma época em que os quadrinhos ainda eram puritanos: *Maria* formava um par apaixonado com outra garota, *Pombinha*.

Creio que aquele foi um momento muito importante para seu criador, Henrique Magalhães, e um divisor de águas na história da personagem e até mesmo na vida pessoal do artista, quando adotou uma postura de militância pelas minorias sexuais, principalmente. Só algum tempo depois, ávido por ler outras histórias mais antigas, pude visualizar que *Maria* estava na rua não por uma, mas por muitas causas.

Quem conhece o Nordeste, em especial o interior, sabe bem quantas *Marias* e *Pombinhas* existem em cada rua, em cada esquina. Geralmente são vizinhas que tudo sabem e passam os dias a se fre-



qüentar nas janelas, nas calçadas e feiras a comentar sobre o negócio do alheio. Ou seja, a vida dos outros. No caso da série de Henrique, num primeiro momento, seus personagens tratavam do feminismo. Depois de política, economia e questões sociais. Em seguida, relacionamentos e sexo. Um universo simples, sem espaço físico claramente definido, porém rico e de tradição que Henrique soube captar com precisão e encanto.

Na verdade, meu fascínio por *Maria* desde o primeiro momento foi também pelo traço de Henrique, que considero um dos mais belos e personalíssimos que conheci no humor gráfico brasileiro. Havia, porém, uma combinação com sua capacidade de

sintetizar idéias e opiniões com humor refinado em apenas três cenas. Qualquer roteirista entende que fazer tiras é bem mais difícil do que uma história mais longa. Além disso, a ousadia do autor ao lançar um trabalho tão provocante e desafiador como *A maior das subversões* coincidiu com um momento de minha adolescência que eu descobria o rock político brasileiro, além de escritores malditos que chegavam ao Brasil com até três décadas de atraso pela Brasiliense e L&PM, como foi o caso dos *beats*.

*Maria*, de imediato, encaixou-se dentro desse universo de descoberta questionador que atingiu a maioria da garotada naquele apagar das luzes da ditadura. Antecipou até, de certa forma, o “feminismo lésbico”, digamos assim, que Madonna lançou no mundo pop com suas canções e atitudes – e uma boa dose de escândalo. É preciso ressaltar algo importante aqui: a cantora americana só causaria polêmica mais de um ano depois do imprescindível *A maior das subversões*, o que significa que Henrique não acompanhou uma onda de modismo, mas,

de certo modo, antecipou algo nesse sentido.

Os livros anteriores mostraram uma *Maria* mais política, que revelava o profundo sentimento humanista e solidário que sempre vi em seu criador – características, aliás, perceptíveis da influência de Henfil, uma inspiração declarada. Ela reclamava da inflação, dos aumentos abusivos nas feiras populares, pedia eleições diretas ou denunciava a seca no Nordeste como uma legítima cangaceira.

Havia nas entrelinhas, porém, certa esperança no final de cada tira. O que deixava sempre alguma proposta de reflexão. Era preciso lutar e acreditar, em síntese. Sobressaía nos personagens uma dignidade a toda prova e a defesa de certos valores éticos que davam um tom sutil de alguém cético, porém disposto a dar sempre mais uma chance.

## Atualidade

A maior parte das tiras reunidas nesta edição traz o autor no melhor de sua forma como desenhista e roteirista. São situações

que formam um retrato de um período importante na história recente do Brasil no qual Henrique deixou sua marca como escriba e cartunista dos mais contundentes. O material foi produzido entre 1983 e 1984, quando a ditadura agonizava com o fracasso de sua política econômica e uma pressão difícil de ser contida pela sociedade organizada na volta do poder aos civis.

A partir de um forte censo crítico, *Maria* foi uma militante das mais firmes, porém sem radicalismo. Representou em seu discurso o desejo de mudança sem deixar morrer seu espírito sempre desconfiado. Ranzinza, muitas vezes. Terna, quase sempre. O mesmo comportamento ela teria no completo engajamento do autor na campanha pelas eleições diretas no primeiro semestre de 1984.

O último bloco de tiras, feito treze anos depois, mostra que o tempo passou, mas os problemas não. Se não observar a data na lateral do quadrinho, o leitor certamente poderia pensar que o livro inteiro data de um mesmo momento. Inclusive o Brasil de hoje

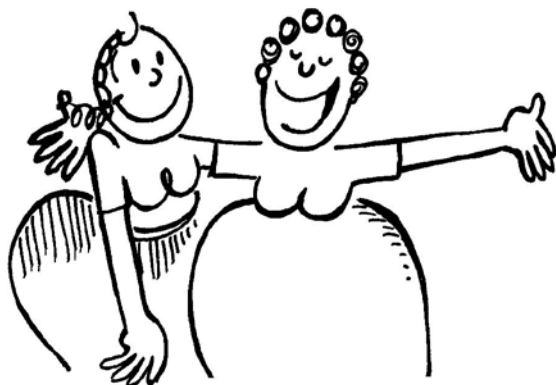
– pobre, profundamente desigual e corrupto, só que com a inflação contida, graças a uma política econômica recessiva que impõe sacrifícios a todos. Daí a atualidade e certa atemporalidade de *Maria* e o talento de Henrique para captar em cada época as aflições que a cercaram.

A leitura das histórias da última parte, no entanto, revelam um amadurecimento explícito do artista. Tanto no traço quanto nos diálogos – estes, mais densos, reflexivos, arredios do propósito de fazer rir. Apesar da postura contundente em relação à economia, à política, à corrupção e à violência, *Maria* parece mais preocupada consigo mesma, com a solidão, o amor e o manancial de carinho que tem para dar ao próximo. Tudo, enfim, que representava a própria personalidade do criador num momento de amadurecimento criativo e pessoal.

Por volta de 1987, propus a Henrique uma parceria. Isso aconteceu por volta de 1988. Promoveríamos numa mesma história – que acabou em três páginas – um encontro entre *Maria* e

*Baiano*, um favelado de Salvador que eu criei em parceria com Sidney Falcão, velho companheiro de quadrinhos e de rock. Bolei o roteiro e Henrique rapidamente desenhou sua parte – além de melhorar bastante os diálogos – e diagramou as páginas.

A Sidney coube apenas preencher os quadros onde nosso personagem aparecia. Ficou uma beleza, bem ao estilo de *Zé Carioca* e *Pato Donald* no desenho animado *Você já foi à Bahia?* (1942), de Walt Disney. Publiquei a aventura no fanzine *Quadrinhos Magazine*, que eu editava na época. Era uma história apimentada, com elementos de sexo e que tratava de um amor impossível, principalmente pelo fato dos dois serem





homem e mulher, mas incompatíveis ante a opção da mocinha. Tudo com bom humor, como acontece quando dois velhos amigos se encontram.

## Contexto

Nesse balanço de exatos 30 anos, *Maria* se inseriu também num outro contexto importante: o rico, criativo e “explosivo” – com a licença de Henrique – mundo da imprensa alternativa. No caso, os fanzines, a mais genuína de todas as formas de expressão, uma vez que é desprovida de qualquer direcionamento ideológico no sentido mais político-partidário do termo. A revista de Henrique tinha regularidade, qualidade gráfica acima da média porque, em especial, passava pelo processo de impressão convencional, superior às matrizes de mimeógrafo a óleo ou a álcool e às fotocópias, que então começavam a se popularizar, com preço mais acessível – e que levaria ao surgimento de centenas de fanzines na época.

Esse, porém, era apenas um detalhe. Como artista, Henrique

rompera em definitivo com a influência de Henfil, apesar de continuar fiel à abordagem temática política e social. Construíra um estilo próprio e avançara muito quando passou a tratar de assuntos ligados aos relacionamentos e à sexualidade. Ler *Maria* na segunda metade da década de 1980 foi acompanhar com entusiasmo a luta do autor contra várias formas de preconceito. Os quadrinhos a serviço de causas importantes. A simpática nordestina com seu tradicional vestido branco levantou muitas bandeiras e foi para o front.

Nunca conversei com Henrique sobre isso, mas não me lembro de ter lido uma única linha que trouxesse algum comentário sobre sua desafiadora abordagem sexual. A não ser um bate-boca com Alvimar Pires dos Anjos, da revista *Factus*. Numa carta ao autor, criticou duramente a abordagem da edição, com base em conceitos teosóficos. A resposta veio no fanzine *Marca de Fantasia* número 2, de setembro de 1985.

Havia uma tolerância cordial e silenciosa. As capas de suas revistas apareciam sim, divulgadas

nos demais zines, mas nada que destacasse ou mesmo que fizesse referência ao debate proposto foi mostrado. Isso, num universo de editores e leitores em sua maioria machos. Machos gentis, pelo menos. Ou cavalheiros, pois *Maria* era e é, acima de tudo, uma dama. Não imagino que reação teria o artista se visse algum tipo de preconceito a seus quadrinhos.

Não se pode falar de *Maria*, aliás, sem colocar Henrique Magalhães não somente como autor de quadrinhos. Ele se tornou um dos mais importantes e conceituados editores de fanzines nessas quatro décadas de história e hoje presta um serviço imprescindível como editor de livros sobre e com quadrinhos através do selo Marca de Fantasia.

Desde o primeiro fanzine que fez, vale ressaltar, ele iniciou uma busca incansável pela qualidade e deu passos largos nos vinte anos seguintes – até se tornar editor de livros – para elevar o gênero a um nível de primor, bom gosto, inteligência e evolução editorial sem, no entanto, perder sua independência e caráter alternativos.

Tudo isso atrelado a sua característica de incessante militância pela valorização das histórias em quadrinhos. Inclui-se aí resgate histórico e artístico, além da promoção dos artistas brasileiros. A editora Marca de Fantasia se tornou uma importante ferramenta de projeção de jovens talentos, cujo alcance tem rompido barreiras graças à boa utilização das ferramentas tecnológicas – computador, impressoras coloridas e Internet – e de uma bem articulada rede de interação de fanzines e leitores. A cada novo título, Henrique se supera e surpreende como síntese do quanto a revolução digital pode ser capitalizada pela imprensa alternativa.

Nesse contexto, seu primeiro fanzine – *Maria*, de 1976, era revista –, *Marca de Fantasia*, tornou-se um acontecimento do gênero na década de 1980. Foi, sem dúvida, o mais bem feito gráfica e editorialmente e o que melhor captou a tendência de amadurecimento que predominou nos zines daquele período: de meras revistas de fãs a veículos de reflexão na década anterior para o aprimora-

mento das histórias em quadrinhos nos anos 80, ao introduzir elementos do jornalismo como notícias, entrevistas, reportagens, artigos e resenhas.

Seus sete números com lombada quadrada e formato livro ainda esperam o devido reconhecimento histórico. Não aconteceu ainda principalmente por culpa do próprio Henrique. Ao se tornar o mais importante historiador de fanzines do país – com quatro livros publicados, imprescindíveis para se compreender o fenômeno –, viu-se na saia justa de comentar o próprio trabalho. Foi generoso com outros, inclusive comigo, e talvez severo demais consigo. Nada mais natural e coerente para a sua personalidade.

Nas vezes que nos encontramos em Salvador, João Pessoa e São Paulo, peguei-o em momentos de profundo desânimo, em

seu esforço solitário de fazer dos quadrinhos no Brasil algo decente e respeitável. Sempre ficou a impressão de que ele é uma usina de idéias que trabalha 24 horas por dia, na capacidade máxima, prestes a explodir. Talvez, por isso, não tenha tempo para perceber o quanto seu trabalho já rendeu frutos preciosos, publicações que mostram uma surpreendente capacidade de resistência.

Nesse ponto, ele e *Maria* se fundem. Do mesmo modo que ela tenta mudar o mundo, pelo menos à sua volta, Henrique tem ido cada vez mais longe na valorização dos quadrinhos como arte. Sua vida se funde com a luta pelos quadrinhos mais genuínos que um dia se sonha sejam feitos no Brasil. Se existe um front, Henrique está lá, com uma bandeira em punho.



## Henrique Magalhães

É natural da Paraíba, nasceu em 1957. Em 1975 criou a personagem de história em quadrinhos *Maria*, que foi publicada em tiras em jornais, revistas e álbuns. É professor aposentado pela Universidade Federal da Paraíba, onde lecionou nos cursos de Comunicação Social, Comunicação em Mídias Digitais e no Mestrado em Comunicação. Dirige a editora independente Marca de Fantasia, dedicada aos quadrinhos e estudos sobre artes gráficas e visuais.

São de sua autoria os livros *O que é fanzine*, (1993) pela editora Brasiliense; *O rebuliço apaixonante dos fanzines* (2003), *Pedras no charco: resistência e perspectivas dos fanzines* (2018), entre outros; os álbuns *Olhai os lírios no campo* (1998), *Quarentona, mas com tudo em cima* (2015) e *A vida em turbilhão* (2020), pela Marca de Fantasia. Lançou em Portugal, pela editora Polvo, os álbuns *Seu nome próprio: Maria! Seu apelido, Lisboa* (2015), que lhe rendeu o prêmio de melhor livro de humor no Festival Internacional de Banda Desenhada de Amadora; e *A maior das subversões* (2017).







O humor delicado e irreverente de Maria toca nas feridas de nossas contradições e idiossincrasias. Ao mesmo tempo charge e sátira do cotidiano, a personagem nos apresenta uma curiosa crônica da política e dos costumes nas últimas décadas no país.

